



Representações históricas do exílio brasileiro: a trajetória de Betinho

Silvana Vaillões
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Cascavel, Brasil
gleydgirl@msn.com

“Eu acho que existe uma espécie de amor profundo que o brasileiro tem por essa terra.

A pátria tem que ser a mãe de todos ou não é de nenhum. Ela não pode selecionar os seus filhos.”¹

Betinho

1. “Há um menino, há um moleque morando sempre no meu coração”

Milton Nascimento

Herbert José de Souza nasceu em novembro de 1935, em Bocaiúva, Minas Gerais. Filho de Dona Maria, tinha mais sete irmãos: dois homens e cinco mulheres. Na infância, por conta do trabalho do pai, chegaram a morar dentro de um presídio. Betinho, como sempre foi chamado, assim como seus dois irmãos, Henrique (Henfil) e Chico Mário, era hemofílico; teve uma infância feliz, mas muito limitada, já que, por conta da doença, não podia se machucar, então, evitava as brincadeiras perigosas, as correrias, as traquinagens normais de menino.

De família muito católica, sempre frequentou a Igreja e teve educação religiosa de rigor. Falar de exílio, falar da vida desse menino apaixonado pelo Brasil e pela justiça e igualdade, é falar da história de nosso país, é falar de fatos que mudaram e deixaram marcas nos brasileiros.

O primeiro exílio de Betinho foi por conta de uma tuberculose que teve, aos 15 anos. Tendo adoecido, os pais se recusaram a interná-lo em um sanatório, como era costume na época, e o mantiveram em casa, no entanto, exilado, distante dos irmãos:

Depois, com 15 anos adoeci, fiquei tuberculoso e fui para o fundo do quintal lá de casa, ao invés de ir para o sanatório, que seria o destino natural. A minha família teve a bela ideia de me colocar no fundo do quintal, no quarto da empregada, onde vivi praticamente trancado, dos 15 aos 18 anos. (SOUZA, 1996 p. 24)

¹ Documentário: “Três irmãos de Sangue”. - Direção: Ângela Patrícia Reiniger. Produzido por: Marina Dantas Faria. Brasil, 2006; 102 min.

Para que os irmãos menores não ultrapassassem a barreira, fizeram um portãozinho, que o isolava dos pequenos. Nesse tempo, Betinho ficava lendo, fez cursos por correspondência, tendo até aprendido a montar rádios.

[...] Três anos incríveis, porque eu estava isolado da família, havia uma cancela, uma portezinha na minha porta, para impedir o contato, porque, do lado de fora, estava o Henfil, o Chico, a Filó olhando para ver o que estava acontecendo com aquele maluco lá dentro. (SOUZA, 1996 p. 26)

Como lia muito, Betinho acabou encontrando, numa edição da revista *O Cruzeiro*, a propaganda de um remédio novo que prometia curar a tuberculose. Todos os meses, ele ia com o pai até um médico que lhe mandava fazer um raio-x e voltar para casa, sem mais esperanças. Diante da falta de perspectiva, a família resolveu falar com o médico e mostrar o remédio que acabou por funcionar e curou Betinho da tuberculose. Ele sempre se viu como sortudo.

Eu te digo francamente que eu sou um privilegiado. Eu acho que o que aconteceu comigo ao longo da vida foi uma sucessão infinita de sortes. Não era para estar vivo quando nasci, porque hemofílico não sobrevivia, eu sobrevivi. Eu sou um hemofílico com 61 anos de idade, essa é a primeira sorte. Depois, eu sobrevivi a uma tuberculose, quando a tuberculose era a aids ou câncer ou a lepra nos anos 1950. Eu sobrevivi à clandestinidade, eu sobrevivi ao Fleury [...] olha que não é pouca coisa. Estou sobrevivendo à aids. E sempre na risca, quando a coisa está chegando para terminar e etc. E hoje eu tenho uma situação, que eu jamais imaginei, que é de achar que estou vivendo em uma cidade do interior, porque todo mundo me conhece e me cumprimenta.²

² Entrevista concedida ao Roda Viva, em 1996. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/363/entrevistados/herbert_de_souza_betinho_1996.htm - acesso em 12 de junho de 2012

Então, curado e aos 19 anos, Betinho começa a participar mais cotidianamente das atividades da Igreja. Vincula-se aos grupos de jovens religiosos e passa a participar da JEC (Juventude Estudantil Católica) e da JUC (Juventude Universitária Católica). Herbert concluiu o ensino médio pelo sistema “supletivo”, que concentra os conteúdos em menos anos, e entrou para a Universidade.

Já estudando os textos marxistas, Betinho ajudou a organizar greves e ações na Universidade. Participou do Movimento Estudantil e entrou para a AP (Ação Popular). Sobre o trabalho no movimento estudantil, Frei Beto assevera:

O líder estudantil, na época, era uma figura de muita representatividade e o Betinho foi trabalhar em Brasília, foi trabalhar no gabinete do ministro, na verdade ainda aquela época, Brasília tava nascendo, então ele ficava mais no Rio do que em Brasília e sempre articulando a Ação Popular, que era um movimento legal, até que veio o golpe em março de 64 e a Ação Popular caiu na clandestinidade.³

A primeira esposa, Irlés Carvalho, fala sobre a imagem de fragilidade que Betinho parecia ter:

Ele tem ...sempre tem aquele corpo frágil, mas eu conheci ele em cima de um palanque, falando, entendeu? Na UNE ele sempre foi um guerreiro, ele nunca foi uma criatura frágil. Ele era líder de ação popular.⁴

Em 1963, é convidado para trabalhar no Ministério da Educação, assessorando Paulo de Tarso. Então, veio o Golpe Militar.

2. “Apesar de você, amanhã há de ser outro dia”

Chico Buarque

Betinho estava trabalhando no Ministério da Educação, durante o governo de João Goulart, quando veio o Golpe Militar.

³ Documentário “Três irmãos de sangue”

⁴ Documentário “Três irmãos de sangue”

Participar do governo João Goulart [[Jango](#)] foi uma experiência fascinante. Eu fiquei sete meses no Ministério da Educação e foi a minha primeira experiência de máquina estatal burocrata. Foi aí, por exemplo, que descobri que Tancredo Neves e vários senadores brigavam lá dentro do Ministério por borracha e caderno.⁵

Herbert estava no Rio de Janeiro, no dia do Golpe. Realizavam uma reunião da AP, que já havia previsto o que era inevitável: os militares tomariam o poder. Os membros da AP ainda tentaram, por meio de telegramas, avisar as direções de cada estado; no entanto, o aviso chegou junto com a polícia.

Poderiam ter feito, tentaram, mas não deu certo. Houve a ordem para os oficiais, os oficiais deram a ordem de bombardear, eu estava lá quando aconteceu aquilo. Porque quando souberam, quando captaram a mensagem, fizeram um black-out, apagaram todo o palácio, e a cidade continuou acesa, o palácio ficou um alvo perfeito. Aí eu e o Aldo saímos correndo. (SOUZA, 1996 p. 55)

Diante da impossibilidade de reagir, o que os líderes da AP fizeram foi enviar telegramas, avisando aos colegas que deveriam fugir, pois já não havia mais o que fazer. E cada um devia cuidar de si mesmo.

[...] Bom, aí a gente saiu, isso eu não esqueço nunca, tomamos um táxi e passamos em frente à UNE, indo para uma casa em que a gente ia ficar, e a UNE estava pegando fogo. Os caras tinham posto fogo na UNE. Para mim, aquilo foi um choque. Para mim o golpe mesmo foi ver fogo na UNE. (SOUZA, 1996, p. 57)

Betinho passou os dois primeiros dias do Golpe escondido no Pinel, hospital psiquiátrico, no Rio de Janeiro. Então, viajou para um sítio em Nova Iguaçu, ficando ali quase um mês; o jeito era entregar a direção da AP e se esconder, pois todos estavam sendo presos e seu nome era um dos

⁵ Entrevista concedida ao Roda Viva, em 1996. Disponível em: http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/363/entrevistados/herbert_de_souza_betinho_1996.htm - acesso em 12 de junho de 2012

mais cotados pelos militares. Frei Beto fala sobre a confusão dos militares, que buscavam Betinho e acabaram por prender o Beto errado:

Fui preso aqui no Rio em 64, em junho de 64, pelo Serviço Secreto da Marinha, na noite do arrastão de prisão de todos os militantes da Ação Popular, e fui torturado porque me confundiram com o Betinho. Beto, Betinho, Belo Horizonte os dois, estudantes, enfim, até provar que eu não era quem eles tanto ambicionavam prender, eu já tinha levado uns sopapos no CENIMAR [Centro de Informações da Marinha]. O Betinho passou o resto da vida dizendo que tinha essa dívida comigo e eu dizia a ele: eu espero que você nunca tenha que pagar! ⁶

Herbert caminha para a clandestinidade. Vai para Mauá, onde fica por um tempo, ainda militando, mas vivendo sem recursos seus. Quem o ajuda, é seu irmão Henfil, que lhe envia dinheiro.

[...] Eu, na verdade, durante a clandestinidade toda, fui sustentado com uma bolsa de clandestinidade pelo Henfil. O Henfil me mandava um dinheiro, não sei equivalente a que, mas ele me mandava. Chegava a mim e com isso a gente comia. (SOUZA, 1996, p. 69)

Nesse período, Betinho usou nomes frios, como Chico, e se manteve trabalhando, tentando viver uma vida normal. Olivier Negri Filho, ex-integrante da AP, fala sobre como as pessoas viviam, sem documentos, e como faziam para trabalhar: “Alguns tinham documento falso, como é o caso do Betinho, que conseguiu com documento falso, ele conseguiu inclusive ser empregado na (...) (inteligível) Portadora Schmidt, ele trabalhou lá.” ⁷ A segunda mulher de Betinho, Maria Nakano, fala sobre a clandestinidade: “Eu conheci o Betinho na clandestinidade, na clandestinidade aonde ele era um Wilson, uma pessoa qualquer. [...] Nós dois éramos clandestinos e nós, eu não perguntava, nós não perguntávamos sobre o passado”.⁸

⁶ Documentário “Três irmãos de sangue”

⁷ Documentário “Nome Frio” – Diretora: Ana Paula Queiroz. Produção: Instituto Henfil e Observatório Social. Mauá, 2011; 25 min. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Cm4Yeyafjds&list=UUxwqjEHJMprHY6iQqQ7m81A&index=1&feature=plcp> – acesso em 12 de junho de 2012.

⁸ Documentário “Três irmãos de sangue”

Herbert fala que a clandestinidade era um isolamento terrível, que ainda podia colocar as pessoas próximas em risco, já que os militares não desistiam da incessante busca. A forte ligação com o irmão, Henfil, também teve que ser diminuída, assim como os contatos com família e amigos: “[...] Nesse período todo, eu acho que me encontrei uma ou duas vezes, no máximo, com o Henfil. Porque o CENIMAR estava em cima dele.” (SOUZA, 1996, p. 85)

No entanto, a situação estava já insustentável. Os riscos de ser preso ficavam cada vez mais recorrentes e não havia aonde se esconder. Olivier Negri fala de uma lista que o CENIMAR possuía, bem como do perigo a que estavam expostos, pois havia denúncias:

Nós fomos denunciados, por um cara que era da Marinha [...] a inteligência da Marinha chamava CENIMAR e exatamente o CENIMAR tinha a função de cuidar da AP. A Ação Popular era responsabilidade do CENIMAR. Nós caímos de bandeja na mão deles. Aí os caras vieram em cima da gente, já com nome quente, nome frio, dados mesmo bastante concretos, onde estudava, onde trabalhava, tanto que o primeiro a ser preso aqui da região fui eu.⁹

Segundo Getúlio Miguel de Souza, também ex-integrante da AP, havia uma lista de quem deveria ser preso:

Segundo fontes aí, existia uma lista. Nós estávamos sendo perseguidos pela CENIMAR. Aí quando nós descobrimos isso, qual foi a reação do Chico, principalmente e da direção: todos nós precisamos ir embora daqui, sair daqui. Aí foi aonde nós fomos todos prá Santo André.¹⁰

Os integrantes do grupo começaram a ser presos e o CENIMAR queria saber onde estava o Betinho. Olivier Negri narra sua prisão e o que os militares queriam saber sobre Herbert:

Aí a primeira sessão foi de porrada. Me levaram prá essa chácara, me cobriram a cabeça, eu fui dentro de um fusca azul, me torturaram lá, fizeram roleta russa, mas eu não falei nada. Eles queriam informação sobre o Betinho, nome quente, nome frio...e começou: nome frio, nome quente e

⁹ Documentário “Nome Frio”

¹⁰ Documentário “Nome Frio”

eu negava porque o nome frio da pessoa era aquele, se eu confirmasse, ta tudo certo, a trama ta resolvida. E eu negava. Eles perguntavam: Conhece o Betinho? Nem esse nome eles usavam, eles perguntavam: Conhece Herbert de Souza? Eu nem sabia o nome da época do Betinho inteiro, eu sabia que o nome frio dele era Francisco de Carvalho. Eu não sabia que ele era Herbert de Souza. Não sabia mesmo. Mas eles sabiam que o nome frio do Betinho era Chico. Eles perguntavam do Chico e eu dava nome de outro Chico...¹¹

Betinho começa a sentir que coloca em risco a vida das pessoas com quem convivia e que isso não podia acontecer. Muitos foram presos, tendo em vista o paradeiro do líder, mas os integrantes permaneceram firmes e não entregaram as informações que tinham. Alguns, realmente não sabiam que o Chico era o Betinho, portanto, não havia mesmo como dar as informações buscadas pelos militares. Quando os militares começaram a apertar o cerco, Betinho refugiou-se em Santo André. Getúlio Miguel conta como estavam expostos a ser presos, se ficassem na região:

Nesse período todo, eu saí, né, em diligência prá ir até esses locais onde eu abria, né, e numa dessas diligências eu vi o Betinho e vi a Marisa e o Daniel e uma companheira. Eles ainda estavam lá, depois de mais ou menos quinze dias que tinha acontecido as prisão (sic), o Chico não tinha conseguido sair do país, ainda. Acho que falta de grana, não sei...eu me lembro assim que eles tavam indo na calçada em direção a estação Santo André [...] e quando eu olhei aquela cena, eu fiquei bem quietinho, baixei a cabeça, né, pros torturador não, né...felizmente passou, porque se eles pegam o Betinho ali, era terrível. Era morte na certa...¹²

Diante dessa situação, Betinho já percebia que não seria possível permanecer no país. Sua fala é clara ao lembrar-se de como as pessoas foram presas e torturadas, para que ele fosse encontrado:

Eu tive uma que foi horrível, porque quando chega já em 70 o nosso trabalho foi delatado, lá em Zaíra, e num dia eles prenderam 60 pessoas, a moçada toda foi presa. Presos e torturados, uns torturando os outros...Eu

¹¹ Documentário “Nome Frio”

¹² Documentário “Nome Frio”

consegui escapar porque um desses jovens saiu a pé, de Mauá até Santo André, de madrugada, bateu na minha casa e disse: “Olha, caiu todo mundo, se manda.” (SOUZA, 1996, p. 91)

Então, era o momento de sair do país e buscar formas de sobreviver, sem colocar a vida de mais pessoas em risco.

3. “Caminhando contra o vento, sem lenço e sem documento”

Caetano Veloso

O processo de saída do Brasil durou quase um ano. Articulações, pensar o melhor caminho, estabelecer contatos. Apesar de a direção da AP dizer que Betinho não devia sair, ele já não podia mais seguir as ordens. Mesmo ficando doente, nesse período, já não havia mais o que fazer. Assim, descendo para o sul do Brasil, estabeleceu “pontos” em cidades do Paraná, onde conseguiu um novo documento de identidade, que lhe possibilitou ir até o Paraguai. Do Paraguai, passou pela Argentina e, finalmente, chegou ao Chile.

Denise Rollemberg (1999) cita como as ações eram apoiadas pelos grupos, a fim de que seus integrantes pudessem fugir, recebendo apoio:

[...] Os “esquemas” de saída, ou seja, a rede de militantes e simpatizantes ajudava, dando informações, “dicas”, fornecendo documentos falsos, conseguindo algum dinheiro, casas ou “aparelhos” – em geral, no sul do país -, disponíveis para abrigar o militante por uma ou duas noites. Não se tratava de uma poderosa e eficiente rede de apoio. Ao contrário. Às vezes, podia-se contribuir com uma coisa, mas não com outra. (ROLLEMBERG, 1999, p. 73-74)

Irles Carvalho fala da dificuldade que era de se viver no Brasil, na época, diante do perigo de ser preso a qualquer momento:

Ali não funcionava mais nada. As pessoas simplesmente sumiam. Então, seu pavor era você ser presa junto com seu filho. Quando eu saí pro Chile com o Daniel, ele tinha essa idade, ele tinha cinco, seis anos. Então, foi

somente no Chile que ele aprendeu meu verdadeiro nome. Aqui ele não podia saber prá que ele não dissesse porque nas rodoviárias, por exemplo, na rodoviária de São Paulo, por exemplo, a polícia nos parava, parava todo mundo, e perguntava às crianças o nome do pai e da mãe, entendeu? ¹³

Rollemberg (1999) divide o exílio brasileiro em dois grupos: os que saíram por conta do Golpe, em 1964, e os que saíram em 1968, por causa do fortalecimento da repressão e do AI-5. Betinho fazia parte da primeira geração, que, em sua maioria, estava envolvida com o governo, trabalhando, constituíam grupos de pessoas com mais idade, família e filhos, o que não era, no geral, a realidade da segunda geração, de 68.

Betinho, citado por Rollemberg (1999), fala sobre a estada no Uruguai:

O exílio no Uruguai foi como um prólogo, como uma *primeira fase da primeira fase* e teve características muito particulares. Nas palavras de Herbert de Souza, “era como se não se tivesse aceito a realidade, se tentasse espichá-la para além de suas fronteiras”. Esteve identificado a lideranças políticas em cena desde 1945, que deixaram o país logo depois do golpe de 1964. Vários eram os políticos conhecidos e atuantes, a começar pelo próprio presidente deposto João Goulart, Leonel Brizola, Darcy Ribeiro, Neiva Moreira, Paulo Schilling etc. [...] (ROLLEMBERG, 1999, p. 90)

No entanto, o Uruguai foi um lugar de transição, pois era um país próximo, que possibilitaria um retorno, já que a maioria dos exilados não acreditava que a situação se manteria por muito tempo. Estar no Uruguai, no Chile, eram estratégias para poder voltar, assim que precisassem, acreditando que o poder dos militares logo seria reivindicado.

A chegada ao Chile era marca de liberdade e de poder ter paz, novamente. Betinho fala da alegria que sentiu:

Volto a ser eu mesmo e durante dez dias fico como um cara que passa numa mina sem ver luz do sol, que não vê ar e que de repente vê um lago iluminado, com flores, água. Durante dez dias fiquei embriagado. Sentava nas praças, embriagado com o clima, com o povo, sentava nos bares, andava, olhava gente. Como se eu dissesse assim: “Agora sou gente, não

¹³ Documentário “Três irmãos de sangue”

tem esquadrão da morte nem Cenimar”. Não se tem que entrar ou sair do ônibus e olhar para ver se estava sendo perseguido, entrando no táxi e ter que ficar calado, entrando num bar e não conversando com ninguém ou achando que um cara qualquer é polícia. Dez dias de deslumbramento! (ROLLEMBERG, 1999, p. 98-99)

Agora, era possível trabalhar, estudar, viver novamente. O governo de Allende dava respaldo aos exilados, proporcionando condições de vida, incentivos, oferecendo documentos. Inclusive, recebia aqueles que foram banidos do Brasil pelos militares, quando os grupos realizavam seqüestros para conseguir que libertassem presos políticos. Como o Chile não possuía um fundo para ajudar os exilados, aos poucos surgiu a “Caixinha”, que era uma forma de arrecadar dinheiro, conseguir empregos, moradia e contatos entre os que se encontravam nessa situação.

No entanto, o exílio era algo muito difícil. João Bona, banido do Brasil quando foi trocado pelo embaixador suíço, fala da dificuldade enfrentada: “Não estava indo para outro país como imigrante. Este o grande drama do exilado: não é uma opção. O imigrante chega para viver no país, adquirir coisas no país. O exilado não, fica um estranho no ninho, não vive, não cria raízes, não faz a sua vida.” (BONA;POSENATO, 1989, p. 75)

Iankelevich (2011) lembra como os exilados constituíam um grupo ativo, que movimentava as cenas políticas:

Em todas essas nações, os exilados nutriram mercados de trabalho, com intensidade variável impactaram espaços acadêmicos, mas sobretudo desempenharam um ativo papel político que os distancia de qualquer emigração tradicional. Os setores mais politizados se fizeram presentes no espaço público animando campanhas de denúncias contra as ditaduras e tecendo redes por onde transitou a solidariedade em âmbitos nacionais e internacionais. Esses âmbitos começaram a ser explorados, sobretudo os atravessados pelos discursos e práticas de defesa dos direitos humanos. (IANKELEVICH, 2011, p. 18)

O autor também fala sobre como o exílio se constituía em um fenômeno de grupo, mas que, no entanto, acontecia de forma individual, pois cada um buscava seus caminhos e suas formas de sair do país.

Então, acontece o golpe no Chile.

4. “Mas eis que chega a roda viva e carrega o destino prá lá”

Chico Buarque

Quando a vida parecia começar a ficar mais tranqüila e a possibilidade de voltar ao Brasil era ainda uma meta, o golpe contra o governo de Allende derruba os sonhos e coloca a todos em situações ainda mais difíceis. Agora, havia necessidade de lutar pela vida, buscando novos lugares de exílio, em meio à decepção de ver um governo democrático ser derrubado, mesmo contra as manifestações recorrentes do povo chileno.

O golpe foi assim: 10 horas, 11 horas acho que foi, a Maria que me acorda e fala: “Está dando no rádio aí o golpe. Tem alguma coisa...” Acordei e começamos a ouvir o rádio. Estavam dando o discurso do Allende. Daí a pouco tudo isso acaba, começam os comunicados militares, porque uma das primeiras coisas que eles tomaram foram as rádios. Começam os comunicados militares: Estado de emergência e todo mundo proibido de sair de casa. E os soldados na rua, patrulhando, com metralhadoras e fuzil e apontando para todos os lados, com lenços vermelhos no pescoço. Então, nós ficamos dentro de casa uns três dias. Depois do terceiro dia é que a gente saiu para comprar alguma coisa. (SOUZA, 1996, p. 101)

Quem estava exilado precisou fugir para as embaixadas, para os refúgios, precisava se esconder de alguma forma. As prisões aconteciam em massa e não havia mais o que fazer, a não ser buscar ajuda.

Eu e Maria. Daniel e Irles foram para o refúgio da ONU. Nós dois chegamos lá, batemos, era uma multidão, era ainda o apartamento do cônsul, tinha três quartos. Tinha quase 300 pessoas lá dentro. Os caras fazem força com a porta para abrir, puxa a gente, a gente entra e logo depois chegam os carabineiros. Eles passaram a cercar para não entrar mais ninguém. Entramos e aquilo foi uma loucura. Uma loucura. Tinha um quatinho de empregada, que foi transformado em enfermaria. Então, eu, por causa da minha situação, fui para este quatinho, me deitei ao lado de 12 pessoas no chão. Maria ficou no meio da massa. Havia 25 cadeiras.

Então, eles numeraram os 300, e de 25 em 25 minutos as pessoas sentavam por duas horas. Depois levantavam e os outros sentavam e assim se ia virando a noite (SOUZA, 1996, p. 105).

De acordo com o depoimento de João Bona, apesar da repressão, muitos foram os que conseguiram burlar os militares e entrar nas embaixadas, a fim de busca refúgio.

Logo nos primeiros dias do golpe os militares ainda não estavam bem organizados. Muita gente entrou nas embaixadas. Depois todas elas foram colocadas sob vigilância, mas mesmo assim, muitos diplomatas introduziram pessoas nos porta-malas dos carros. Enfim, todas as embaixadas ficaram completamente lotadas de pessoas. Chegaram a metralhar a embaixada de Cuba, e os funcionários cubanos responderam ao fogo. (BONA;POSENATO, 1989, 131-132)

No entanto, ficar nessas embaixadas e conseguir asilo político não foi tarefa fácil. Nenhum governo da América Latina queria conceder asilo aos chilenos, tão pouco aos brasileiros que estavam exilados no Chile. Para tanto, a espera nas embaixadas se fez necessária, o que tornou a vida quase insuportável, como narra Bona:

Para tomar banho, precisava ficar longas horas na fila. Os sanitários viviam entupidos porque não agüentavam tanta descarga, e também as filas eram imensas, o dia inteiro. [...] Uma vez eu estava com muita fome, ajudei na cozinha e ganhei uma cebola, que comi crua. [...] Alguns simulavam doenças para receber comida melhor. (BONA;POSENATO, 1989 p. 139)

As pessoas ficavam fora do juízo, perdendo a noção do que estavam fazendo. A situação de ficar trancadas, diante da possibilidade de morte, mexeu com todos e muitos apresentavam comportamentos estranhos, atitudes consideradas de desespero. Betinho narra a situação:

[...] quando entramos nesse apartamento, tivemos que começar a fazer força desde a porta, porque quando chegamos havia lá duzentas pessoas. Estava todo mundo de pé, crianças, mulheres, velhos, todas as nacionalidades, idades, mulheres grávidas, psiquiatras, psicopatas, de tudo. E lá fora,

carabineiros, tiros. E um hemofílico para completar o povo.

Muitas vezes me perdia de Maria, porque se a gente se perdia, eram algumas horas para se reencontrar. Imagine organizar esse povo! Dormir em cadeiras, algumas vezes fora do apartamento [...]. Organizar o pessoal para usar os dois banheiros, para fumar, para beber café, enfim, para sobreviver. (ROLLEMBERG, 1999, p. 183)

Enfim, depois de passar quase dois meses na embaixada, os exilados seriam enviados ao Panamá; saíram em um avião da Venezuela e as falas de Betinho remetem ao fato de que no avião havia comida para todo mundo e que isso era o melhor de tudo que aconteceu. Foram levados ao Panamá, onde ficaram por quatro ou cinco meses:

Bom, no Panamá eu fiquei quatro ou cinco meses, tive também nas minhas experiências interessantes com o Kissinger, porque eles estavam fazendo a negociação do Canal, e ele queria que os exilados não estivessem lá. Queria que os exilados saíssem. Aí o Torijos colocou os exilados confinados em hotéis nas cidades vizinhas. Nós fomos para Chitré, onde nos pagavam hotel. Primeiro, quando as mulheres chegaram, ele as recebeu e a cada uma deu uma nota de 100 dólares, pessoalmente. (SOUZA, 1996, p. 112)

No Brasil, o irmão de Betinho, Henfil, usava seus textos, publicados na revista Istoé, e ia contando a trajetória do irmão, falando dos sofrimentos, das dificuldades:

E mais: quero estar pronto para ajudar o mano Betinho e a Maria, que continuam asilados no Panamá e que podem vir pros EUA! O Panamá dá papel prá eles irem para qualquer país, não podem ficar é lá. Não há como reclamar. Afinal de contas, se não fosse o asilo na Embaixada do Panamá em Santiago, eles teriam sido fuzilados no Estádio Nacional do Chile, pois não?

Conversei com ele pelo telefone hoje e contei que tem um professor de uma universidade aqui, Peter Roman, que está lutando para que ele venha dar aulas na Universidade de Hostos. A dificuldade é o departamento de Estado dar o visa. Se ele fosse espião nazista, torturador sul-vietnamita ou sul-coreano, rei ou ditador árabe, enfim, se fosse um Fulgêncio Batista,

eles o receberiam com banda de música. Outra coisa que vai pegar é ele ser também hemofílico. Dificilmente será aprovado como imigrante, visto que significa provável despesa de saúde. Mas, se em vez de hemofilia ele tivesse os segredos de um Mig, entraria com vaselina e ninguém perguntaria pelas despesas para um russo aprender inglês. [...] To doidim prá eles chegarem. Dizem que ele está magro. E quero conhecer a Maria. (HENFIL, 1983, p. 100)

Então, o grupo de exilados recebeu um documento do governo panamenho, mas que não era um passaporte. Havia apenas informações pessoais, carimbos e a foto. Para que não ficassem andando com aquela folha solta, alguns foram a uma feira, onde colocaram uma capa nesse papel, fazendo lembrar um passaporte. No entanto, o valor não era o mesmo. O governo do Panamá liberava as passagens para os exilados, mas não se comprometia a conceder asilo. Era difícil conseguir. Muitos pediram passagens para lugares insólitos. Betinho decidiu, com um grupo, ir para o Canadá.

5. “Eu já estou com o pé nessa estrada, qualquer dia a gente se vê”

Milton Nascimento

Enfim, esse grupo chegou ao Canadá. E só conseguiram ficar por conta das manifestações promovidas por grupos que eram favoráveis aos direitos humanos; setores da igreja também haviam se mobilizado para que o país aceitasse o grupo de exilados que chegava.

Lá fora já estavam representantes da migração em Toronto, da Universidade, da Igreja, tinha um bispo que assinou um aval para nós, e os oficiais perguntaram: “Mas o que vocês querem?” Queremos ser refugiados políticos”. [...] A gente tinha sido instruído para só querer refúgio político, porque se você pedisse qualquer outra coisa, eles deportavam. Nós insistimos e aí eles disseram: “Vocês vão ficar sob fiança, num local, e vão passar por um inquérito especial”. Nós passamos por esse inquérito especial durante um ano e no final tivemos visto de imigrantes no Canadá, com todos os direitos. (SOUZA, 1996, p. 115)

Henfil narra o episódio, no Brasil:

Agora prepare o coração. O Betinho, a Maria e mais 10 brasileiros que se encontravam asilados no Panamá esperando que algum país os recebesse, vendo se esgotar o prazo que o Panamá deu para eles permanecerem lá...decidiram arriscar tudo numa operação sensacional! Pegaram um avião e desceram no aeroporto de Toronto sem passaporte, sem visto, só com os sacos de roupa e as crianças que nasceram antes e depois do golpe no Chile. Os oficiais canadenses da Imigração ficaram perplexos. Iam devolvê-los pros países de origem, claro! Além de indesejáveis exilados, estavam sem documentos e eram todos maltrapilhos.

Ressalve-se: há canadenses e canadenses. E estes outros estavam esperando no aeroporto e lá fizeram um barulho incrível para que os exilados fossem aceitos. Padres, membros das igrejas, deputados, estudantes e professores praticamente ocuparam o aeroporto de Toronto. A imprensa, o rádio e a TV lá, mostrando tudo. E as autoridades canadenses atônitas com este caso inédito na sua história. Finalmente, depois de horas de impasse, parlamenta daqui, parlamenta dali, as agências de notícias cobrindo o caso, resolveram aceitar a entrada deles, desde que alguém pagasse uma fiança em dinheiro. Depois, em três dias, dariam uma resposta se iam poder ficar ou não. As igrejas depositaram 1.500 dólares por cabeça (o preço da liberdade é de 1.500 dólares, no Canadá), e o mano, Maria e os outros 10 ficaram. (HENFIL, 1983, p. 137)

Betinho volta a viver e consegue uma bolsa na York University e, aos poucos, tudo foi ganhando forma novamente. Coursou o doutorado em Ciência Política e foi levando a vida. As notícias vinham do Brasil pelas mãos do mano, Henfil: “[...] O Henfil toda semana punha um pacote de recortes com comentários, com exclamações, de revistas, de jornais, e me mandava. Eu acompanhava a realidade brasileira com uma semana de atraso, porque levava uma semana para chegar lá. Mas eu lia tudo.” (SOUZA, 1996, p. 116-117)

Henfil, no Brasil, continuava contando aos brasileiros a trajetória do “mano”; assim, ele também fazia relatos importantes sobre outros fatos que ocorreram:

Meu medo pela sorte do Teotônio vai crescendo. E chorei quando soube da morte de Victor Jara. Victor Jara era o Chico Buarque do Chile. Preso no dia do golpe, foi levado para o Estádio Nacional. Aí, cortaram-lhe os dedos,

entregaram-lhe um violão e disseram: “Agora, canta!” E Jara esfregou o violão e cantou. [...]

Eu nunca vi nenhuma foto do Victor Jara. Mas eu imagino ele igual o meu irmão. E é esta associação que me faz chorar. E como o mano toca violão, aí é que fica tudo completo. Precisa ver o alívio que fico quando falo com o Betinho pelo telefone. É como se Victor Jará estivesse vivo.

Contam as testemunhas que Jara não acabou de cantar. Foi metralhado no meio. Jara não está vivo. Mas meu irmão está. O que é a mesma coisa. (HENFIL, 1983, p. 114)

Em “Cartas da mãe”, Henfil aproveita a figura materna e fala da realidade brasileira, usando a figura da mãe como destinatária de suas reclamações. Também publica as cartas que enviava e recebia do mano Betinho:

Pois mano, você me pergunta quando é que vamos aí vê-los. Olha, se a distância entre o Brasil e o Canadá era de 11 horas de vôo, agora ficou bem maior. Sim, porque resolveram que temos que depositar 22 salários mínimos para poder visitá-los. Te exilaram para 22 mil cruzeiros mais longe.

A explicação que deram é de que precisam economizar as divisas que os turistas gastam. Porém, mais parece um muro de Berlim separando irmãos de irmãos, mães de filhos, amigos de amigos. Todos aqui gostaríamos de vê-los, beijá-los, tocá-los. [...]Pelamor de Deus, não pensem que vocês não valham os 22 mil. A gente ama vocês muito, e este amor vale 22 mil não, vale 100 mil!Espero que o Simonsen não ouça isto e aumente o depósito para 122 mil. Mas, seja tudo pelo bem do Brasil (HENFIL, 1981, p. 64-65)

Provocativo, dirige-se ao próprio presidente, para mostrar o que pensa com relação à situação dos exilados:

Exmo. Sr. Presidente Ernesto Geisel

Considerando as instruções dadas por V. S. de que sejam negados passaportes aos senhores Francisco Julião, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Luis Prestes, Paulo Schilling, Gregório Bezerra, Márcio Moreira Alves e

Paulo Freire. Considerando que, desde que nasci, me identifico plenamente com a pele, a cor dos cabelos, estatura, cultura, o sorriso, as aspirações, a língua, a música, a história e o sangue destes oito senhores. Considerando tudo isto, por imperativo da minha consciência e honestidade de princípios, venho por meio desta devolver o passaporte que, negado a eles, me foi concedido pelos órgãos competentes do seu governo. Juro pela minha mãe que eu pensava estar vivendo em meu país há 34 anos! Solicito a compreensão de V. S. no sentido de me conceder um prazo de 30 dias para que eu possa desocupar o seu país com todos os meus pertences em direção a minha (e a dos oito) verdadeira pátria, o Brasil. (HENFIL, 1981, p. 117-118)

Mas, finalmente, depois de um tempo sem poder ver o irmão, Henfil vai ao Canadá. O momento de encontro é narrado por ele, com emoção:

Foi aí que encontrei o mano Betinho. Ele estava nos esperando na estação e foi aquele abraço de cinco anos de separação. Engolimos nossa emoção e ficamos bestando, como se aquele reencontro fosse a coisa mais natural do mundo. [...] Pegamos nossas malas e fomos direto para a Imigração Canadense, noutra parte da cidade, onde eles tinham que prestar depoimento. A situação deles continua pendente. Lá encontramos com outros exilados brasileiros e chilenos do grupo que se asilou na Embaixada do Panamá em Santiago. Todos apreensivos com a possibilidade de expulsão do Canadá, apesar da força moral e jurídica que o grupo de solidariedade canadense estava dando. (HENFIL, 1983, p. 143)

Betinho também se remete ao momento de encontro:

O Henfil chegou lá vindo dos Estados Unidos e ficou no nosso apartamento, eu já tinha saído da Universidade, do prédio da Universidade, e já estava no centro da cidade. Um dia ele falou assim: “Vamos ver se a gente consegue ganhar um dinheiro aqui.” Pegou uns trabalhos dele, tinha uma espécie de portfólio e batemos na porta do Globo-Mail, perguntando: “Queremos falar com quem faz charge aqui.” Chegou um cara e ele disse:

“I am a brazilian cartunist. This is my work.” O cara falou: “Good, good.” Chamou o dono e ele comprou duas ou três, deu uns 400 dólares; saímos e fomos a um shopping comprar coisas. Essa foi a aventura dele: comprar coisas. (SOUZA, 1996, p. 117)

Um relato emocionado de Henfil mostra a saudade que ele sentia do irmão, bem como a tristeza que muitos familiares brasileiros também estavam sentindo por não poderem ter próximos seus entes queridos:

Não suporto mais a saudade sufocante do meu irmão Betinho. Minha vida segue sem sentido e sem alegrias. Sai um disco do Chico e não consigo me entregar no canto que gostaria de partilhar com ele e com a Maria. O grito de gol fica preso no peito porque me sinto sozinho no Maracanã mais lotado. Profissionalmente? Estou bem, muito bem. Mas eu queria que eles também se orgulhassem de mim ao receberem o jornal de manhãzinha na porta da casa deles, aqui, como todos. Faltam duas palmas, duas risadas brancas e quentinhas na hora em que as cartas são lidas ou as gracinhas são feitas na “Revista do Henfil”. Não. Não é por causa de mulher que eu vou parar. Olho e sou olhado, beijo e sou beijado, mimo e sou mimado. Perdoa, mãe, mas o biscoito de farinha só é gostoso se mastigando olhando nos olhos do irmão que sente na mesma hora a mesma delícia.[...] Será que se comoveram? Será que agora vão apressar a anistia como apressaram a queda da denúncia vazia depois que um casal de velhinhos se suicidou, um dia antes de serem despejados?

Se é para o bem da nação, diga ao povo que me mato. (HENFIL, 1981, p. 134-135)

Mas, a saudade logo acabaria. Finalmente, diante do apelo da população e dos movimentos nacionais e internacionais, sairia a Anistia.

6. “Meu Brasil, que sonha com a volta do irmão do Henfil”

Aldir Blanc/João Bosco

Henfil tinha um personagem em suas tiras que chamava de “Caboco Mamadô”, o qual

enterrava as personalidades e artistas brasileiros que não estivessem engajados na luta contra a ditadura militar, ou que, de alguma forma, não se colocassem contra ela.

Eis que Elis Regina, cantora brasileira, é “convocada” pelos militares, em 1972, para cantar nas Olimpíadas do Exército, convite que lhe foi imposto, já que havia feito uma declaração contra o governo brasileiro, quando estava na Holanda. De acordo com seu ex-marido, em depoimento a Regina Echeverria, no livro “Furacão Elis”, a cantora não teve como se esquivar dessa obrigação. Diante do fato, Henfil enterrou Elis Regina no “Cemitério dos Mortos-Vivos”; como ela ficou muito chateada e foi aos jornais reclamar dessa atitude dele, o cartunista resolve ressuscitá-la como regente da orquestra de Hitler. Seu depoimento, no livro de Regina Echeverria:

Elis nunca me perguntou se eu estava atacando porque ela estava defendendo um regime militar que queria matar meu irmão. [...] Eu sei que muitos personagens que viveram essa história das Olimpíadas do Exército faziam isso independente de motivos e de pressão militar por trás. Evidente que os militares estavam pressionando o país inteiro. Eu sabia disso, os militares faziam censura prévia no meu jornal, presença física, todo dia. Inclusive foram os militares que censuraram o cartum da Elis onde estava escrito virundum, virundum, virundum. A referência à música não pode ser publicada. (ECHEVERRIA, 1985, p. 192)

Percebendo que Henfil não a perdoaria, Elis pede a Aldir Blanc e João Bosco que componham uma música, usando o nome do irmão do Henfil. E eles compõem “O Bêbado e a Equilibrista.” Aldir fala sobre a composição da música e a paixão de Henfil pelo irmão, Betinho:

Qualquer coisa mais interessante que você dissesse, ele literalmente se pendurava no seu braço e dizia: “Você tem que conhecer o mano!” [...] João tinha, como todos nós, sofrido com a morte do Chaplin e tinha feito uma música linda em que ele havia como que citado a harmonia do (...) do Chaplin e ele me mostrou a música, eu fiquei deslumbrado e fui prá casa prá ouvir e prá letrar bacana, prá fazer um troço bacana e tal.¹⁴

Mesmo sem saber o nome do “irmão do Henfil”, João Bosco compõe a música que fala dele, mas também de tantos outros brasileiros que estavam exilados. Assim, justifica-se que a música tenha se tornado Hino da Campanha pela Anistia:

¹⁴ Documentário “Três irmãos de sangue”

O que me emocionava assim no Chaplin, na época, né, nessa canção era exatamente a esperança mesmo, quer dizer, o sujeito que busca, que acredita, né, num novo dia, numa nova, numa mudança, de umas pessoas e na vida delas e tudo, e a partir delas. Esse encontro do motivo da música até o Betinho é um encontro perfeito, quer dizer, isso que o Aldir ta falando: um Chaplin que a gente não conhecia, nos levou a um Chaplin aqui dentro de casa, acho que isso aí é que é maravilhoso.¹⁵

Quando Elis mostra a música para Henfil, ele sente que a Campanha pela Anistia agora iria dar resultados. O que faltava não era só a adesão de mais pessoas pela causa, mas também, que as pessoas se emocionassem com a situação dos exilados; Betinho se tornou a figura do exilado que o Brasil tanto esperava voltar:

Quando cheguei, ela me mostrou uma fita do João Bosco cantando *O bêbado e a equilibrista*. Eu não me lembro de ter gostado ou não da música. Ela ficou chorando o tempo inteiro. [...] Talvez ela tenha antevisto a importância que teria essa música, coisa que eu não percebi. Talvez já soubesse que tipo de voz ia colocar, a repercussão que iria ter. [...] Eu estava mal, numa fase afetiva ruim, morando em São Paulo de cabeça para baixo. E estava com um problema de estar na lista negra da televisão. [...] Quando ela botou a voz, e eu percebi principalmente que ela estava botando mais a emoção do que a técnica, aí eu desbunde. Quando acabou a música, percebi que a anistia ia sair. Estávamos no começo da campanha, que mal juntava quinhentas pessoas na rua. Eu tinha todo o cuidado de falar do meu irmão nas cartas da *Istoé* quando o Aldir Blanc fez a letra que falava do meu irmão, ele nem sabia o nome dele. Eu percebi uma coisa: a ditadura, o governo vai perceber que por trás dessa música não tem quem segure o momento da anistia. (ECHEVERRIA, 1985, p. 217-218)

Henfil liga para Betinho e coloca a música para que ele escute pelo telefone:

¹⁵ Documentário “Três irmãos de sangue”

A música eu ouvi pelo telefone. O Henfil tocou para mim, pelo telefone. [...] Eu acho que estava no Canadá. De quando é a musica? [...] Ou estava saindo do Canadá, ou estava no México. Só sei que eu lembro que o telefone tocou e ele disse: “Escuta aí”. Pôs a música e eu fiquei ouvindo. Foi uma emoção fantástica, absolutamente fantástica. [...] Então eu cheguei e pedi demissão, disse que tinha ouvido aquela música lá e quem tem aquela música tem que voltar, não podia ficar. A música era um imperativo. Então, eu vim. Fiquei também na casa do Henfil (SOUZA, 1996, p. 132-133).

Acontece a volta. Não só de Betinho, mas de muitos outros exilados. Ainda meio desconfiados, com medo, aos poucos eles vão sendo recebidos nos aeroportos; o movimento pela Anistia havia ganhado forças fora e dentro do Brasil, com campanhas que haviam sido iniciadas tanto por estrangeiros como pelas mulheres brasileiras.

Eu cheguei, teve essa coisa dessa emoção absolutamente espetacular, chorando e rindo e abraçando, e fui para casa do Henfil. Cheguei lá, minha mãe estava em São Paulo, em Higienópolis, com ele, cheguei de tarde, fim da tarde e à noite tinha show da Elis, que o mano pegou e me levou. Quando chegamos lá, ele falou pra ela, sopraram para ela que eu estava... [...] Aí ela vira e, antes de começar a cantar, disse: “A peça está aqui”. A peça era eu. Foi mais emoção. O público aplaudia (SOUZA, 1996, p. 132-133).

O retorno, a busca pela vida no Brasil, novamente. Agora, recomeçava-se uma luta, que envolvia pensar na sua própria segurança, em poder estar no seu país, após tantos anos de exílio.

7. “Azar, a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar”

Aldir Blanc/João Bosco

Betinho não era só o “irmão do Henfil”. Ele foi a figura do exilado brasileiro, construída por meio dos textos e informações que o irmão, aqui no Brasil, insistia em contar. Por causa disso, os brasileiros foram criando uma imagem do exilado, que correspondia a do “mano Betinho”. A ligação e o amor que havia entre esses dois irmãos, serviram de base para a representação do amor e

saudade que havia entre tantos outros familiares de brasileiros banidos do país.

Betinho parecia não se incomodar com isso:

Isso é obra do Henfil. Ele tinha uma forma muito interessante de fazer a luta política, ele personalizava e trazia a família para a luta política. Eu digo que ele industrializou a minha mãe, porque industrializou mesmo. Ele punha a minha mãe atrás, lá naquele programa que ele tinha na televisão, e descia o pau no Delfim e aí falava assim “quem tem mãe, não tem medo”. E a minha mãe aqui, com a mão no ombro dele, ela ganhava até cachê. Ele escrevia as cartas ao mano e simbolizava a volta de todos do exílio, na minha volta, ele personalizava. O Aldir pegou aquilo e fez. Eu não conhecia o Aldir, eu vim conhecê-lo recentemente, quando eu voltei.¹⁶

As pessoas vinculavam sua imagem ao “irmão do Henfil”: “Com Brasil e eu, durante muito tempo, passava nas ruas e as pessoas diziam “lá vai o irmão do Henfil”. Tinha alguns que ainda me chamavam de Henfil, até hoje tem gente que fala assim: “Oi, Henfil!”, eu digo: “oi”.¹⁷

A história de luta política desses irmãos se reflete na história do Brasil. Ao perceber suas contribuições para a luta pela democracia, percebemos ainda as tantas outras figuras, brasileiros ou não que lutaram por um país melhor, livre de violência.

Herbert de Souza, sociólogo, trabalhou por muitos anos contra a fome e a injustiça, em um país de tantas desigualdades, como é o nosso. Sua imagem foi, por muitas vezes, vinculada a de um santo, por sua representação frágil e bondosa. Por ser hemofílico, contraiu AIDS numa transfusão de sangue, e faleceu em 1996. No entanto, sua vida e ações políticas ficaram como exemplo de alguém que lutou pela verdade e pela justiça.

“A vida é uma só, ela é valiosa, o tempo é valioso e nós devemos fazer da vida e do tempo o que de melhor nós pudermos. Todos os dias!”

Betinho

REFERÊNCIAS

BONA, João C. B.; POSENATO, Júlio. Verás que um filho teu não foge à luta. Porto Alegre: Ed.

¹⁶ Entrevista concedida ao “Roda Viva” - Disponível em:

http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/363/entrevistados/herbert_de_souza_betinho_1996.htm - acesso em 12 de junho de 2012

¹⁷ Entrevista concedida ao “Roda Viva”

Posenato Arte & Cultura, 1989

ECHEVERRIA, Regina. Furacão Elis. 6. ed – Rio de Janeiro: Editora Nórdica, 1985.

HENFIL. Cartas da Mãe. 3. ed. – Rio de Janeiro: Codecri, 1981

HENFIL. Diário de um Cucaracha. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1983.

YANKELEVICH, Pablo. Estudar o exílio. In: Caminhos Cruzados: história e memória dos exílios latino-americanos no século XX – Org. Samantha Viz Quadrat. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011

SOUZA, Herbert José. No fio da navalha. (Quem é). Rio de Janeiro: Editora Revan, 1996

ROLLEMBERG, Denise. Exílio: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.